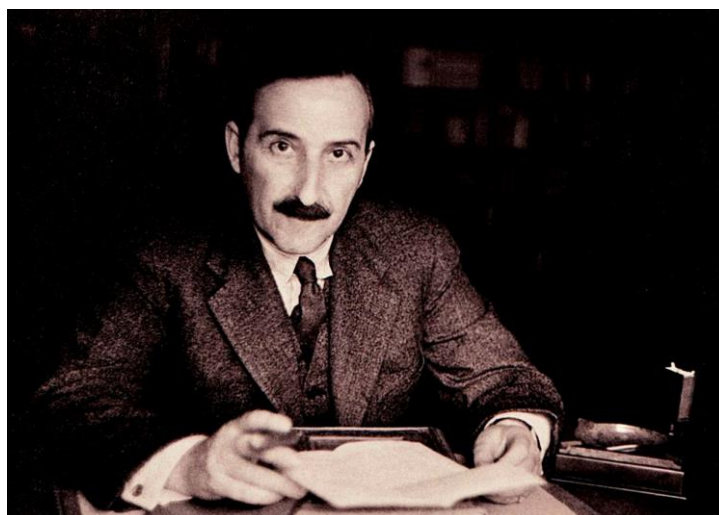


***Stefan Zweig em Portugal.  
História de um Sucesso***



***Teresa Seruya***

***Universidade de Lisboa***

## 0. Introdução

**A** recente publicidade intensa e prolongada no tempo do filme *Adeus, Europa!*, sobre os últimos anos de vida de Stefan Zweig (1881- 1942) no exílio sul-americano é apenas o mais recente episódio da interessante história da presença do famoso autor austríaco entre nós, uma presença que se iniciou nos anos 30 do século passado com os nossos pais e avós e se estende até aos nossos dias. Por vezes, na situação mais inesperada, Zweig é lembrado com admiração: numa tarde de Novembro de 2016 o escritor israelita Etgar Keret lê excertos da sua obra *Sete Anos Bons* (o original é em inglês), cuja tradução portuguesa acabara de sair. Nas palavras de introdução do respectivo editor, João Rodrigues, ouve-se de repente uma referência a Stefan Zweig, destinada, segundo Rodrigues, a valorizar o trabalho dos tradutores. Alvitra o editor que também estes teriam merecido figurar na tetralogia *Os Construtores do Mundo*, pois aos tradutores se deve a existência de uma literatura universal. Aliás, não é descabido que a ideia

---

<sup>1</sup> NOTA BIOGRÁFICA DA AUTORA: Teresa Seruya é professora catedrática (aposentada desde Fevereiro de 2017) nas áreas de literatura e cultura de expressão alemã e da Tradução na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É responsável por dois projectos de investigação na área dos Estudos de Tradução, no Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC) da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa). Escreveu sobre autores como Wilhelm Waiblinger, Goethe, Thomas Mann, Kurt Tucholsky, Stefan Zweig, Alfred Döblin, Thomas Bernhard, Christa Wolf, mais recentemente sobre Emine Sevgi Özdamar, Yade Kara, Vladimir Vertlib. É também tradutora literária, tendo publicado traduções de Goethe, Kleist, Leopold von Sacher-Masoch, Thomas Mann, Kafka e Döblin,. As suas principais áreas de investigação actualmente são os Estudos de Tradução, a história da tradução em Portugal, a interculturalidade e a literatura da migração na Alemanha contemporânea. Tem publicado estudos nestas áreas e vários volumes dedicados aos Estudos de Tradução em Portugal.

<sup>2</sup> Este trabalho teve uma primeira versão em alemão a ser publicada em breve (Verão de 2017) pelos *Zweighefte* do Stefan Zweig Centre Salzburg. O texto que agora apresento é uma versão muito alargada daquela, incluindo a nova secção sobre a recepção de filmes. Foram introduzidas também várias adaptações aos interesses do público leitor português.

pudesse ter ocorrido a Zweig, cuja popularidade fora da língua alemã se deve à intensa tradução das suas obras para numerosas línguas, mal eram publicadas.

Tentando uma sistematização da recepção de Zweig em Portugal, encontramos-a em três campos: a tradução, a imprensa e a Universidade. A tradução é, sem dúvida, o domínio que entre nós mais contribuiu para o seu sucesso e fama. As suas novelas, biografias e ensaios integravam as bibliotecas das famílias burguesas e ainda hoje é possível encontrar edições antigas em muitos antiquários. Trataremos apenas os dois primeiros, pois o interesse por Zweig na Germanística portuguesa é escasso, à excepção de uma empenhada germanista da Universidade de Coimbra, Fátima Gil. E, na fase inicial de criação e desenvolvimento da nova disciplina de Estudos de Tradução em Portugal, Zweig foi um dos primeiros autores investigados (Seruya 2001, 2002).

## 1. Stefan Zweig em português europeu<sup>3</sup>

### 1.1. A chegada de Zweig aos leitores portugueses

A tradução intensiva de Zweig começa no ano de 1937 quando a editora Civilização, do Porto, funda a nova colecção autónoma Obras de Stefan Zweig, encomendando à escritora Alice Ogando (1900-1981), autora de numerosas novelas sentimentais e também tradutora, a tradução da maior parte das novelas e biografias de Zweig.<sup>4</sup> Ogando traduz do francês, uma prática comum, a que chamamos tradução indirecta, num tempo em que era escasso o conhecimento da língua alemã por um lado, e a influência dominante na cultura portuguesa era a francesa.<sup>5</sup> Neste caso particular, Zweig era já bem conhecido em França, aliás datam dos primeiros anos do século os seus contactos e a sua grande familiaridade com a cultura francesa e os seus autores, não admirando, portanto, que a sua obra fosse lá bem conhecida. O contacto da Civilização com a tradutora portuguesa certamente que foi feito bem mais cedo, mas é no ano de 1937 que são postas à venda 11 obras de Zweig. Estas traduções indirectas em nada afectaram o bom acolhimento do novo

---

<sup>3</sup> Para uma visão completa deste assunto remeto para dois estudos que fiz em tempos sobre as traduções de Zweig em Portugal: Seruya 2001, Seruya 2002.

<sup>4</sup> A primeira tradução, porém, data de 1934. Trata-se de *Um Coração Destroçado*, novela traduzida por Campos Monteiro, Filho (médico e escritor do Porto) mas que viria a integrar a colecção.

<sup>5</sup> Para o estudo mais actualizado sobre tradução indirecta, um fenómeno muito presente na cultura portuguesa, v. Rosa/Piçeta/Maia 2017

autor junto do público que, na verdade, não tinha qualquer consciência desse facto – o mesmo acontecia, por exemplo, com os autores russos que só muito depois da Revolução de Abril encontraram entre nós quem soubesse a sua língua. Zweig veio para ficar, nesta primeira fase até 1983, uma presença que pode ser medida no elevado número de reimpressões e novas edições até essa data: a título de exemplo, no ano de 1983, a novela *Vinte e Quatro Horas da Vida de uma Mulher* estava na sua 19ª edição, a biografia (romanceada) *Maria Antonieta* ia na sua 18ª edição, e mesmo *Balzac*, a última obra a ser publicada na colecção, já em 1950, chegou a 5 edições.<sup>6</sup> Neste ano de 1950 a colecção contava já 30 títulos. As tiragens, em média, oscilavam entre 2000 e 4000 exemplares, pelo que a totalidade das obras de Zweig em circulação andava pelas centenas de milhar, o que fazia de Zweig um dos autores mais lidos da cena literária da época. É curioso verificar que este sucesso ainda durou uns oito anos depois da Revolução dos Cravos. Ora, num contexto político que desviou os interesses dos leitores para campos anteriormente muito vigiados pela Censura, como a política, a ideologia ou o erotismo, pareceria que os temas e o estilo de Zweig já não teriam lugar. O que aconteceu, na verdade, foi a permanência de certos gostos e hábitos de leitura, em paralelo com a emergência em força daqueles temas (cf. Seruya 2017).

Entretanto, aquando da segunda passagem de Zweig por Lisboa (v. mais adiante), chegaram-lhe vários reparos sobre a qualidade das traduções de Alice Ogando, tendo, depois, sido feitos contactos no Porto no sentido de se encontrar quem pudesse traduzir directamente do alemão. Chegou-se, assim, a Maria de Castro Henriques Osswald (1893-1988), ela própria também autora, que se juntou, a partir de 1938, aos tradutores de Zweig em Portugal.<sup>7</sup> A lista veio a incluir ainda tradutores masculinos, alguns oriundos do Brasil. Recorrer às traduções brasileiras foi uma prática editorial na altura comum em Portugal (Zweig era ali também um autor benquisto).

---

<sup>6</sup> Para facilitar a compreensão dos leitores portugueses, referir-nos-emos sempre às obras de Zweig pelo título das traduções portuguesas.

<sup>7</sup> Esta informação foi-me gentilmente prestada pelo filho da tradutora, Walter Friedrich Alfred Osswald (1928-) distinto médico e professor da Universidade do Porto, nome maior da Bioética em Portugal, autor da obra *Sobre a Morte e o Morrer* (2013).

No ano de 1986 ainda se publicou a tradução de um romance-fragmento até então inédito, *A Embriaguez da Metamorfose*, originalmente publicado a partir do espólio em 1982, e com uma nova tradutora, Fernanda Barão (1948-). A obra teve uma recepção bastante discreta, se compararmos com a situação anterior. Não significou, portanto, um regresso do autor, nem houve reedições. Igualmente discreto foi o acolhimento de uma nova tradução (1994) de *Vinte e Quatro Horas da Vida de uma Mulher*, com a assinalável particularidade de ser ainda uma tradução indirecta do francês. Este "pormenor" ilustra bem como o nome de Zweig é um trunfo para qualquer editora que, mesmo no final do século, não precisa sequer de se dar ao trabalho de procurar quem traduza directamente do Alemão.

Até ao novo século Zweig viveu por assim dizer num limbo, embora constasse sempre do acervo de vários alfarrabistas, para não falar em bibliotecas, públicas e privadas. É assim que a Biblioteca Nacional, através da doação de particulares, possui numerosos exemplares das traduções francesas de Zweig dos anos 30 e 40, o que é um indício claro de que este autor era lido e apreciado na geração dos nossos Pais, que se guiava pelas modas e pelo gosto francês.

## 1.2. A segunda vida de Stefan Zweig em Portugal

Na área disciplinar dos Estudos de Tradução o fenómeno das novas traduções, ou retraduições de obras literárias (e não só) tem merecido ultimamente o interesse dos investigadores, nomeadamente a indagação sobre as motivações conducentes à elaboração de novas traduções de uma mesma obra (Koskinen/Paloposki 2010). Há sempre um leque de motivos circunstanciais, subjectivos até, mas a razão objectiva do fenómeno chama-se o envelhecimento das traduções. A tradução é uma reescrita, como tal inevitavelmente se socorrendo do estado actual de uma língua, pois aos leitores de cada presente se destina. Como reescrita, o grau de criatividade linguística que se pode permitir é mais reduzido do que numa criação original (embora a originalidade seja sempre relativa). A experiência de leitura comprova aquele envelhecimento: não conseguimos hoje ler traduções da *Iliada* ou da *Odisseia* datadas do século XIX, embora os que foram considerados os seus originais continuem a suscitar traduções actuais, como aconteceu entre nós com as recentes

traduções de Frederico Lourenço.<sup>8</sup> Em relação aos motivos circunstanciais, avulta o propósito de re-actualizar, fazer reviver um autor, propósito este do qual não se podem evidentemente excluir critérios comerciais. No caso de Zweig, ambos se conjugam. Mas podemos acrescentar um terceiro, que tem a ver com a tradução directa do alemão, numa altura em que, em relação sobretudo às línguas europeias mais faladas (inglês, francês, alemão, espanhol), a tradução indirecta já não é admissível. No entanto, se olharmos à editora responsável pelo início da nova fase (2004) da presença de Zweig no mercado literário, a Antígona, outros motivos se podem adivinhar. As obras escolhidas foram *O Combate com o Demónio*. Hölderlin, Kleist, Nietzsche e a colectânea de novelas *Confusão de Sentimentos*, duas obras maiores de Zweig traduzidas por dois competentes tradutores, respectivamente José Justo e Manuela Gomes. A Antígona apresenta-se nos seguintes termos:

Fundada em Junho de 1979, a Antígona iniciou a sua actividade com a publicação do livro *Declaração de Guerra às Forças Armadas e outros Aparelhos Repressivos do Estado*. Esta obra emblemática anunciava já o programa editorial que se tem vindo a concretizar, sem desvios, nos últimos trinta e um anos. Hoje, com mais de 200 títulos, a Antígona mantém a sua paixão inicial pelos textos subversivos, e vai continuar, ainda por muito tempo, a empurrar as palavras contra a ordem dominante do mundo. ([www.antigona.pt](http://www.antigona.pt), acedido a 29/05/2017).

Em face destas linhas programáticas poderemos estar a assistir a algo de novo na recepção de Zweig em Portugal. De autor lido e apreciado pela burguesia, que exalta e descreve primorosamente a sua alma, com tudo o que ela comporta de sonho, traumas, projectos, abismos, de biógrafo-romancista de figuras da História e da cultura, Zweig é agora recuperado pelo seu lado subversivo da aparência de estabilidade de uma sociedade ameaçada a cada momento por forças disruptivas da vida social, vindas dos instintos, das paixões, dos desregramentos (*Hölderlin, Kleist e Nietzsche*, o conjunto de novelas *Confusão de Sentimentos*), que contam com a cumplicidade do autor.

---

<sup>8</sup> Não posso, neste contexto, aprofundar o assunto do envelhecimento das traduções, mas é impossível não acrescentar que contém uma zona próxima do inexplicável.

Um ano depois (2005) é publicada a nova tradução da autobiografia de Zweig *O Mundo de Ontem. Recordações de um Europeu*, da autoria de outra germanista, Gabriela Fragoso. A relevância que é dada à tradução directa do alemão insere-se na nova tendência de "reabilitação" de Zweig, sublinhando ao mesmo tempo a sua actualidade. E, na verdade, o grande sucesso que acolhe as memórias deste europeu cosmopolita dura até aos dias de hoje, acompanhando a premência continuada da temática europeia (apesar da visão saudosista e algo deficitária que Zweig nos transmite da Europa anterior à II Guerra). Curiosamente, esta fora a obra de Zweig que menos reedições teve (ia na 4ª em 1983).<sup>9</sup> Mas agora, com a velha Europa mergulhada em profunda crise, aumenta a nostalgia de um tempo - do fim do século XIX até à I Guerra e, depois, o dos chamados "gloriosos anos vinte" que antecederam a tomada do poder por Adolf Hitler em 1933 – em que os valores da liberdade e da paz por um lado, a prosperidade e o progresso social por outro, mas também a preponderância cultural dos criadores (escritores, poetas, músicos, pintores) marcavam a vida das sociedades.<sup>10</sup>

Também o Stefan Zweig das novelas burguesas, chamemos-lhes assim, foi objecto de novas traduções directas. Assim, as famosas *Vinte e Quatro Horas da Vida de uma Mulher* e *Carta de uma Desconhecida* foram dadas à estampa em 2008 pela mão de outro germanista, Fernando Ribeiro. Embora a imprensa registasse a sua publicação com curtas recensões, comprovando que editar Zweig é sempre notícia, as duas novelas não tiveram o eco de outrora. Entretanto, ocorreu o fenómeno surpreendente e raro entre nós de duas diferentes novas traduções do mesmo texto, as "miniaturas históricas", num curto espaço de tempo: *Momentos Estelares da Humanidade* (2007, tradução de Paulo Rêgo) e *Grandes Momentos da História da Humanidade: Catorze Miniaturas* (2009, tradução de Fernando Ribeiro). Inesperado penso ser igualmente o renovado interesse pelas lendas de Zweig: o volume *O Candelabro Enterrado*; seguido de *Raquel contra Deus* sai em 2008 (em tradução de Jorge Teles de Meneses) numa pequena e pouco conhecida editora de Cascais.

---

<sup>9</sup> Manuel Rodrigues, o autor da primeira tradução (1946), fê-la directamente do Alemão.

<sup>10</sup> Não é possível, neste contexto, desenvolver a ideia de Europa nas memórias de Zweig, algo que fiz recentemente (Abril de 2017) em duas lições do curso livre da Faculdade de Letras com o tema "Imagens da Europa na Literatura do Século XX", organizado em conjunto pelo CLEPUL e pela Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa.

Há uma obra de Zweig que, à partida, despertaria o interesse dos leitores portugueses. Trata-se de *Magalhães. O Homem e o seu Feito*, um caso único de tradução (directa) no mesmo ano da sua publicação original (1938) na editora vienense Reichner, e no mesmo ano da passagem de Zweig por Lisboa.<sup>11</sup> A nova tradução (2007) desta biografia do navegador português, da autoria de Gabriela Fragoso faz todo o sentido dentro do "Zweig revival" a que estamos a assistir. Esta tradução veio culminar o meritório interesse académico de Fátima Gil pela obra, o qual culminou na sua tese de doutoramento de 2005, entretanto publicada (Gil, 2008).

A publicação, pela primeira vez, da correspondência de Zweig com o historiador da cartografia e opositor do Estado Novo Armando Cortesão marca, em 2012, algo de novo na história da recepção de Zweig em Portugal. A partir do Fundo Armando Cortesão da Biblioteca da Universidade de Coimbra, Fátima Gil, professora e investigadora da Faculdade de Letras desta Universidade, com muitos méritos no estudo das relações de Zweig com Portugal (Gil, 2002, 2008 e 2012), deu a conhecer estas *Cartas de Inglaterra* trocadas entre Zweig, na altura vivendo em Londres, e Armando Cortesão, no exílio desde 1932 e a viver em Londres desde 1935 (regressou a Portugal em 1952). As cartas que restam neste fundo documentam bem o estado de espírito do autor austríaco exilado, a quem Cortesão prestou sentida homenagem na Seara Nova aquando do trágico suicídio do casal Zweig em 1942.<sup>12</sup>

Desta que é a mais recente fase da vida de Zweig em Portugal fazem ainda parte três retraduições, sempre do alemão: *Novela de Xadrez* (2013, tradução de Álvaro Gonçalves), *Segredo Ardente* (2014, tradução de Gilda Encarnação), *Mendel dos Livros* (2014, tradução de Álvaro Gonçalves). É de sublinhar, no caso das traduções de Álvaro Gonçalves para a editora Assírio & Alvim, que o tradutor acrescenta ao texto propriamente dito prefácios, tábuas cronológicas e bibliografia, um cuidado com a edição de uma tradução que é raro no panorama português e que, evidentemente, muito valoriza o livro.

---

<sup>11</sup> O título da primeira tradução, por Maria de Castro Henriques Osswald, é simplesmente *Fernão de Magalhães*. O da tradução actual é literal em relação ao original: *Magellan. Der Mann und seine Tat*.

<sup>12</sup> V. sobre todo este assunto Gil, 2012.



A obra ficcional e ensaística de Zweig é, hoje em dia, largamente conhecida em Portugal e, como se viu, objecto de actualização pelas retraduições. Mas neste momento de grande atenção ao escritor deparamo-nos ainda com uma primeira tradução, do ensaio biográfico *Montaigne* (2016), escrito em 1942, escassas semanas antes da sua morte, e apenas publicado postumamente. A obra merece referência pelo relevo que lhe foi dado por um reconhecido crítico literário e poeta, Pedro Mexia, na revista do mais influente semanário português, o *Expresso* (30.07.2016).

O fenómeno das reedições/reimpressões participa também no processo de manter viva a presença do nosso autor entre o público leitor. É um fenómeno que corre paralelo às retraduições e que não deixa de causar bastante estranheza. Mas se o considerarmos do ponto de vista comercial, toda a estranheza se esbate: Zweig vende bem. No entanto, não queremos prescindir de um ponto de vista mais rigoroso, de acordo com o que afirmámos acima sobre o envelhecimento das traduções. Formulamos, então, a pergunta meramente retórica: porque se reeditam traduções indirectas velhas de 70 anos, quando já não faltam bons tradutores de alemão? São as seguintes as obras em causa: *Amok* (1937, 2013)<sup>13</sup>, *Vinte e Quatro Horas na Vida de uma Mulher* (1937, 2013), *Carta de uma Desconhecida* (1937, 2013), todas publicadas pela editora Relógio D'Água. Destaca-se o caso de *Noite Fantástica* (1937, 2016), da responsabilidade da editora Alêtheia, que apresenta pequenas diferenças em relação à tradução original, aliás nem sempre melhorias... A autoria desta tradução vem identificada numa prática a todos os títulos reprovável, seguida por certas editoras portuguesas: colocar a editora no lugar do(a) tradutor (a), decisão editorial esta que rasura por completo a identidade humana do tradutor (a).<sup>14</sup> É como que um grau zero da desconsideração de uma função sem a qual o livro não poderia ter sido publicado....

A editora que introduziu Zweig em Portugal, a Civilização, ainda activa, parece ter querido juntar-se ao renovado interesse pelo seu antigo autor e reedita em 2013 *Coração Impaciente* (1939, 2013), já na altura uma tradução directa. As famosas

---

<sup>13</sup> Data da primeira edição portuguesa e da reedição/reimpressão.

<sup>14</sup> Fui buscar esta feliz expressão a Alexandra Ambrósio Lopes que a usou na sua tese de doutoramento em Estudos de Tradução para defender a tradução como autoria (*Poéticas da Imperfeição. Autores e Tradutores na Primeira Metade de Oitocentos: Walter Scott e André Joaquim Ramalho e Sousa* (Universidade Católica Portuguesa, 2010)

biografias (romanceadas), muito conhecidas e populares, são agora também reeditadas na sua forma primeira: *Maria Stuart* (1937, 2015 na Alêtheia) e *Maria Antonieta* (1937, 2013 na Casa das Letras). Também o livro sobre o Brasil (*Brasil, País do Futuro*) pertence a este grupo. Foi reeditado em 2014 na velha tradução (1941) do brasileiro Odilon Galotti, pela editora Feitoria dos Livros, apenas com um novo prefácio. Como se vê, são várias as editoras que disputam a mais-valia de publicar Stefan Zweig, o que é mais um sinal claro do prestígio do autor entre nós.

## 2. Stefan Zweig na imprensa (jornais e revistas)

### 2.1. Zweig de passagem por Portugal

Zweig passou duas vezes pelo nosso país, em 1936 a caminho do Brasil e em 1938. Da primeira visita não há registos dignos de nota, o que não significa que não tivesse sido já referido em revistas antes de 1938 (Gil, 2002: 31ss). Mas é no início de Fevereiro de 1938 que a sua presença em Portugal é amplamente noticiada. Zweig está instalado num hotel do Estoril e conta fazer contactos com autoridades portuguesas. A sua obra já era bem conhecida em Portugal desde o ano anterior, como se disse acima e, além disso, o autor mantinha uma relação de amizade com o editor da *Civilização*, Américo Fraga Lmares: justamente a fotografia mais divulgada pelos jornais portugueses mostra uma série de notáveis a despedirem-se do autor, entre os quais se contam o Visconde de Lagoa, autor de um trabalho sobre Fernão de Magalhães, o referido editor Fraga Lmares e algumas personalidades estrangeiras. Contactos de Zweig com autoridades portuguesas não houve. O seu biógrafo brasileiro Alberto Dines, que o conheceu e conviveu com ele, defende na biografia *Morte no Paraíso* (Dines 2005 na 1ª edição portuguesa, o original brasileiro é de 1981, 3ª ed. brasileira 2002)<sup>15</sup> que Zweig tinha querido sondar junto de Salazar as possibilidades de Angola vir a acolher os judeus fugidos a Hitler, mas o ditador não o recebeu, apesar da mediação da comunidade judaica. Acrescente-se, porém, que Zweig tinha outros contactos com figuras do regime que o ajudaram na passagem da

---

<sup>15</sup> O primeiro relato de Dines data de 1995 (Dines 1995)

sua primeira mulher Friderike von Winternitz por Portugal a caminho do exílio americano.<sup>16</sup>

Depois da partida de Zweig o interesse na imprensa portuguesa manteve-se e, como já se disse, a publicação das suas obras continuou a um ritmo continuado. Mas foi o seu suicídio (juntamente com a segunda mulher Lotte Altmann) que voltou a encher a imprensa de notícias, relatos e comentários em 1942. A memória da visita a Portugal ainda estava bem viva e chocava com a brutalidade e o inesperado do que sucedera. O tom geral das reacções foi de respeito e compreensão pelo acto desesperado do autor. Posteriormente, e até final dos anos 40, encontram-se comentários em jornais e revistas sobre a sua obra e, de acordo com a inspiração político-literária dos órgãos em que eram publicados, assim se elogiavam mais ou as novelas e as biografias ou os ensaios, considerados património da herança europeia, como se pode ver, por exemplo, na revista *Seara Nova*. Não aprofundo aqui todo este assunto, pois foi competentemente tratado por Fátima Gil (2002).

## 2.2. Stefan Zweig na imprensa portuguesa no século XXI (selecção)

Nesta secção pretendo apresentar algumas posições sobre Zweig que têm surgido em jornais portugueses. Podem dividir-se em testemunhos de recepção de origem mais ou menos privada, ou motivados por publicações.

No primeiro caso avulta o saudoso ensaísta e crítico de cinema João Bénard da Costa (1935-2009) escreve no *Público* que Zweig "de vez em quando [lhe] salta ao caminho" (2003: 6). Recorda (pode acrescentar-se: em nome da sua geração) que, em jovem, havia livros de Zweig espalhados por toda a casa. Conclui mesmo, e com razão, que Zweig "devia ser o escritor de língua alemã mais traduzido para português", competindo-nos apenas corrigir a hesitação ("devia") pela certeza... Estava presente em qualquer biblioteca privada que se vai herdando, até aos dias de hoje. Bénard da Costa visitara em 2002 a exposição de manuscritos e raridades bibliográficas coleccionados por Zweig ao longo da sua vida, mas foi o seu encontro com a autobiografia *O Mundo de Ontem*, lida em tradução francesa, que mais o

---

<sup>16</sup> Curiosamente, estas informações, que constam da biografia de Dines e são, nomeadamente, citadas por Norma Courie (2002: 136ss.), não se encontram em biografias de língua alemã, como a de Hartmut Müller (1998).

marcou, mergulhado que estava no seu "activo pessimismo cultural". O que salienta do texto é a crítica de Zweig ao sistema repressivo da educação do mundo dos seus pais, nomeadamente no campo da sexualidade, que é contraposto às mudanças positivas verificadas na juventude do seu tempo. Embora Bénard da Costa manifeste compreensão pela decisão preparada de Zweig de deixar o mundo, pois para ele, como judeu, o único verdadeiro problema filosófico (Camus é aqui evocado) seria o suicídio, prefere "ficar em Viena e não passar a Petrópolis" (todas as citações Costa 2003: 6).

Francisco Assis, político, deputado, intelectual, também dedica a Zweig uma das suas crónicas, no mesmo jornal, por ocasião da eleição do novo Presidente da Áustria e da questão do populismo. Neste contexto, a leitura de *O Mundo de Ontem* serve a Assis para denunciar os "esquecimentos" de um Zweig influenciado pelo "mundo da alta cultura europeia marcada por um ambiente profundamente cosmopolita", levando-o a ignorar "os aspectos sombrios do Império austro-Húngaro e os múltiplos atavismos da própria sociedade austríaca" (Assis 2016: 49). Ou seja, Assis critica a visão demasiado idílica que o autor tinha de uma Europa culta, liberal, cosmopolita (que o era sem dúvida!), mas tal fixação impediu-o de estar atento ao "processo de gestação das forças demoníacas que em pouco tempo tomariam de assalto a velha Europa", levando-o a fechar os olhos "a uma realidade que ofendia mortalmente o seu belo ideal europeu" e, sobretudo, a perder a vontade de lutar pelo "mundo de amanhã". Algo inesperadamente, Assis termina o seu artigo elogiando o "lado luminoso" do "mundo de ontem" de Zweig, que só poderá persistir no "mundo de hoje" se enfrentarmos os populismos que grassam pela Europa.

A propósito do ódio, "esse nosso velho inimigo", o jornalista também do *Público* Nuno Pacheco, falando sobre a guerra, vai buscar à autobiografia de Zweig o retrato que este faz de Ernst Lissauer (1882-1937). Poeta e dramaturgo judeu, muito prussiano, tornou-se tristemente célebre pelo seu *Canto de Ódio à Inglaterra* (1914), do qual depois emanaria a saudação em voga no Exército "Gott strafe England!" (Que Deus castigue a Inglaterra!). Lissauer acabaria isolado e sozinho em Viena, e já não viveu o ressuscitar do ódio na Alemanha a partir da década de 30. Este contributo de Nuno Pacheco revela que *O Mundo de Ontem*, depois de actualizado

pela nova tradução, reforçou consideravelmente a sua presença entre os leitores portugueses.

No grupo dos testemunhos motivados por publicações ressaltamos dois textos do poeta e crítico Pedro Mexia. Em "Última Agenda" (*Expresso – Revista*, 02/07/2016) Mexia fala-nos da mais recente publicação de Alberto Dines: *Stefan Zweig – Sua Última Agenda 1940-1942*. Esta agenda reconstrói a rede dos novos amigos do autor no Brasil. Recorde-se que Zweig chegou a encarar a sua chegada ao Brasil com a expectativa de que a cultura europeia ali pudesse continuar, o que lhe trouxe alguns momentos de esperança. Mexia refere e comenta os nomes de personalidades famosas do mundo que mantinham contacto com o exilado Zweig. Demora-se na amizade com Romain Rolland (digo eu, objecto de muitas e muitas paginas da autobiografia), que esfriou perante a atitude de simpatia de Zweig em relação à URSS e, acrescente-se, outras vezes quando Zweig hesitava muito em tomar posições públicas sobre assuntos políticos que não ofereciam dúvida ao pacifista radical que Rolland era.

Aquando da vinda a público do ensaio *Montaigne*, Mexia sente-se em sintonia com Zweig na incompreensão inicial perante o grande ensaísta francês. O sentimento de estranheza permanece em Mexia, o que não o impede de salientar traços da personalidade de Montaigne com que se identifica: a auto-análise, a modéstia, "nada afirmar audaciosamente, nada negar irreflectidamente" (citação do próprio ensaio), a "recusa da amargura mesmo no abatimento", a pergunta inútil: que sei eu?, "uma pergunta de bibliófilo, tão indispensável como inútil", entre outros (*Expresso – Revista*, 30/07/2016).

Continuando com os testemunhos motivados por publicações, destaca-se o tom elogioso que acolheu a reedição da biografia *Maria Antonieta*. No jornal *Expresso* o crítico Luís M. Faria desenvolve o tema pertinente da popularidade de Zweig. Admitindo (como raramente se tem feito entre nós) que o autor "não tem reputação muito elevada em certas zonas do mundo literário", o que lhe advém da própria popularidade (construída pelo sentimentalismo e tendência romântizante dos seus textos), Faria classifica-o como um escritor "genuinamente popular", que equilibra a eventual fragilidade daqueles traços pela "profunda cultura" que

alimenta o estilo do autor. E na biografia em questão não deixa de reconhecer a Zweig os méritos como biógrafo, pelo modo como soube, por exemplo, "iluminar o contraste" entre a força de carácter da rainha de origem austríaca e o seu marido a quem isso faltava (Faria, 2013, p. 33).

### 2.2.1. A imprensa sobre Stefan Zweig no cinema

Nesta secção dá-se conta de como filmes à volta da vida e/ou obra de Zweig foram apresentados e comentados pela imprensa. Coube à revista *Visão* noticiar, em 2002, e a partir de uma colaboração brasileira, a 3ª edição da já referida biografia de Alberto Dines, *Morte no Paraíso*, bem como a sua adaptação ao cinema pelo realizador brasileiro Sylvio Carlos Back (Lost Zweig). Back (1937--) é de origem húngara e alemã e escolheu dois actores alemães para encarnar Zweig e Lotte. A autora do artigo descreve o tumultuoso processo de produção do filme, mas demora-se sobretudo a sublinhar, da biografia de Dines, os aspectos referentes à passagem de Zweig por Lisboa e que já foram tratados acima (Courie 2002).<sup>17</sup>

O filme de Wes Anderson "Grand Budapest Hotel" (2014, prémio do júri do Festival de Berlim deste ano) foi explicitamente ligado a Zweig a partir do momento em que o realizador americano o mencionou no genérico como fonte de inspiração. O crítico de cinema Francisco Ferreira opina que foi este momento de Anderson que permitiu aquela ligação, o que não será inteiramente correcto: cremos que, para quem viu o filme sem saber das palavras de Anderson, e conheça Zweig, veria ali muita citação, muita alusão ao autor. De qualquer modo, o que fica é que o filme foi muito bem classificado pelos críticos portugueses, foi um sucesso de bilheteira e permitiu, assim, que se falasse amplamente de Zweig durante algum tempo. Em entrevista ao jornal *Expresso*, o realizador conta como quis fazer um filme na Europa, mas o colocou num país imaginário, em 1932, ao mesmo tempo que "descobriu" Zweig (Ferreira, 2014, p. 8). São de registar o que Anderson diz sobre Zweig: "Autor importante e, a dada altura, alvo de um culto entretanto extinto na Europa. Zweig permaneceu praticamente desconhecido até há bem pouco tempo na América onde a sua obra foi retraduzida e reavaliada" (*Ibidem*: 8). Não sei em que Anderson se

---

<sup>17</sup> Que eu saiba, o filme não passou em Portugal no circuito comercial.

apoia para decretar a morte do culto de Zweig na Europa, mas os dados disponíveis sobre retraduições da sua obra apontam exactamente na direcção contrária.

Outro crítico, Luís Miguel Oliveira, fala da inspiração em Zweig para a imagem idealizada da Mitteleuropa do período entre guerras (Oliveira, 2014). Mas quem se demora mais em comentários sobre o realizador e o filme é Jorge Mourinha (2014: p. 6 ss). O crítico faz uma reportagem a partir de Berlim e, no que à relação do filme com Zweig interessa, afirma que este deve "tanto às obras do romancista [sic] austríaco Stefan Zweig, memorialista do esplendor vienense do início do século, como à Europa de Leste recriada na Hollywood pelos emigrados europeus". O empréstimo a Zweig ("a Viena austro-húngara de Zweig", a "elegia por uma civilidade (ou civilização?) perdida") é confrontado por Anderson com os "totalitarismos (nazi ou comunista) que absorveram a Europa de Leste após 1939 e desfazem a magia precária do Grand Budapest (...)". Trata-se de um empréstimo que, no entanto, tem muito de livre, pois Anderson, nas suas próprias palavras, preferiu criar "o seu próprio livro de Zweig". Não se duvida, mas certo é também que Anderson vê Zweig em unísono com muitas vozes de hoje: Zweig, nas palavras do realizador, foi o "melhor retratista" de um mundo desaparecido, de uma "cultura que foi sendo refinada ao longo dos anos , que se tornou no centro de Viena, mas que de súbito começou a chegar ao fim. Para ele, foi obviamente uma perda de que não conseguiu recuperar – e é isso que me fascina." Do caderno do *Ípsilon* de que estamos a citar faz ainda parte um texto de Isabel Lucas em que esta tenta responder à pergunta: "O que terá seduzido um realizador de Hollywood do século XXI num dos mais atormentados escritores europeus, um judeu inconformado com o destino da sua civilização, numa Europa em Guerra?" (Lucas, 2014), pergunta já respondida, cremos, na anterior entrevista-reportagem de Mourinha.

O próximo (e, até agora) último momento intenso da repercussão pública de Zweig através do cinema ocorreu há poucas semanas (escrevo na primeira semana de Junho) com a chegada, ao circuito comercial, em fins de Fevereiro de 2017, do filme de Maria Schrader "Stefan Zweig – Adeus, Europa" [*Vor der Morgenröte*, no título original] a que se seguiu o respectivo DVD, acompanhado por um campanha de publicidade diária tanto no caderno cultural do jornal *Público*, o *Ípsilon*, como em

*Newsletters* de Instituições como o Goethe Institut de Lisboa. Em entrevista de Jorge Mourinha com Schrader fica-se a saber que o interesse inicial partiu de um produtor francês, que queria fazer um filme sobre Lotte Altmann. Schrader, no entanto, não considerou a figura protagonista da história, tendo-se, em contrapartida, interessado vivamente pela figura de Zweig, pelo tema do exílio e da Europa em fase difícil, embora sem a mostrar, considerando que as imagens da II Guerra e do Holocausto estão "gastas". Seria assim, nas palavras de Schrader e do seu co-argumentista Jan Schomburg, "mais intrigante mostrar a natureza tropical enquanto pensamos no Holocausto". A estrutura do filme, conforme a descreve Schrader – prólogo, quatro capítulos e um epílogo – respeita a cronologia biográfica de Zweig a partir de 1937, quando participa no Congresso do PEN em Buenos Aires. E pode dizer-se que Schrader também é fiel à verdade histórica quando afirma que a chegada ao Brasil foi um momento de esperança no imenso desencanto que habitava o autor desde que decidira deixar a Europa, embora o "país do futuro" não fosse alimento suficiente para a vida de um europeu que continuava a viver no mundo de ontem... O filme ficou algumas semanas nos cinemas de Lisboa.<sup>18</sup>

### 3. Conclusão

Os elementos de recepção que seleccionámos para este trabalho mostram à evidência que Stefan Zweig é um autor vivo e lido em Portugal. Pode acrescentar-se que *O Mundo de Ontem. Recordações de um Europeu* é, sem dúvida, a obra que mais testemunhos congrega e mais inspiradora para o mundo de hoje se revela, pesem embora a nostalgia de um mundo perdido que é seu timbre e a completa impossibilidade de o fazer reviver e aos valores que lhe deram forma. Não deixa de ser significativo que o espírito do nosso tempo se compraza com nostalgias em vez de construir futuros.

### BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTOS CITADOS

COSTA, João Bénard da (2003), "O vinho e a taça". *Público*, 10/01/2003, p.6  
COURIE, Norma (2002), "Stefan Zweig. Perdido no Paraíso". *Visão*, 07/03/2002, pp.136-138

---

<sup>18</sup> Vi o filme em 2016 em Heidelberg e nada senti do entusiasmo da crítica portuguesa.



DINES, Alberto (1995), "Death in Paradise: A Postscript", in: Mark H. Gelber / Klaus Zelewitz (Org.), *Stefan Zweig. Exil und Suche nach dem Weltfrieden*. Riverside / California: Ariadne Press, pp. 309-326

----- (2005), *Morte no Paraíso. A Tragédia de Stefan Zweig*. Lisboa, Rocco (a 3ªed., do mesmo ano, é do Círculo de Leitores (segundo a PORBASE).

FARIA, Luís M. (2013), "Maria Antonieta – O Retrato de uma Mulher Comum". *Expresso-Actual*, 17/08/2013, p. 33

FERREIRA, Francisco (2014), "Trans Europe Express", entrevista com Wes Anderson. *Expresso – Actual*, 05/04/2014, pp. 6ss.

GIL, Maria de Fátima (2002), *Stefan Zweig em Periódicos Portugueses dos Anos 30 e 40 do Século XX*. Cadernos do CIEG [Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos], nr. 3, Coimbra

----- (2008), *Uma Biografia 'Moderna' dos Anos 30. Magellan. Der Mann und seine Tat, de Stefan Zweig*. Coimbra: Minerva Coimbra/Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos

----- (2012), *Cartas de Inglaterra. Correspondência de Stefan Zweig para Armando Cortesão*. Cadernos do CIEG [centro de investigação em estudos germanísticos], nr. 32, Coimbra

KOSKINEN, Kaisa & Outi Paloposki (2010), "Retranslation". *Handbook of Translation Studies*, ed. Yves Gambier and Luc van Doorslaer. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1-5

LUCAS, Isabel (2014), "Zweig e a grande ambição de Wes". *Ípsilon*, 11/04/2014, p. 11

MEXIA, Pedro (2016), "Última Agenda", *E–Revista do Expresso*, 02/07/2016, p.1 06

----- (2016), "Torre", *E–Revista do Expresso*, 30/07/2016, p. 106

MOURINHA, Jorge (2014), "Wes Anderson abre-se ao mundo que acabou". *Ípsilon*, 11/04/2014, pp. 6ss.

MÜLLER, Hartmut (1998), *Stefan Zweig*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt Taschenbuch Verlag

OLIVEIRA, Luís Miguel (2014), "O colecionador". *Ípsilon*, 11 / 04/2014, p.29

PACHECO, Nuno (2016), "O ódio, esse nosso inimigo". *Público*, 06/10/2016, p.

53

ROSA, Alexandra Assis/Hanna Pieta/Rita Bueno Maia (2017), *Translation Studies*, Guest Editors, Special Issue: "Indirect Translation: Theoretical, Methodological and Terminological Issues", Vol. 10, Nr. 2, May 2017

SERUYA, Teresa (2001), "Tradução e cânone: a propósito das traduções de Stefan Zweig em Portugal". *Estudos de Tradução em Portugal. Novos Contributos para a História da Literatura Portuguesa*, org. Teresa Seruya. Lisboa: Universidade Católica Editora, pp. 211-228

----- (2002), "Vida e morte de Stefan Zweig em Portugal". *Deste Lado do Espelho. Estudos de Tradução em Portugal*, org. Alexandra Lopes e Maria do Carmo Correia de Oliveira. Lisboa: Universidade Católica Editora, pp. 151-167

----- (2017), "Tradução e revolução: encontros e desencontros. O caso das colecções de literatura (1974-1980)" (no prelo).

## RESUMO

### Stefan Zweig em Portugal. História de um sucesso

Neste contributo pretendo fazer uma história abreviada da recepção do autor austríaco Stefan Zweig (1881-1942) em Portugal, desde a sua primeira tradução em 1934 até ao presente, em que se verificam várias novas traduções (retraduções) e reedições da sua obra novelística, biográfica e ensaísta, assim como adaptações ao cinema da sua vida e obra. Trata-se, na verdade, de uma história de sucesso. Entre 1937 e 1983 Zweig, através da editora portuense Civilização, foi traduzido e reeditado inúmeras vezes. Títulos como *Vinte e Quatro Horas na Vida de Uma Mulher*, *Carta de uma Desconhecida*, *Amok* ou das biografias *Maria Antonieta* e *Maria Stuart* ficaram no ouvido e nas estantes das gerações dos anos 30 e 40. E quando Zweig passou por Portugal em 1938 a imprensa não se cansou de o noticiar (e elogiar), o que voltou a acontecer por ocasião da sua trágica morte no Brasil. Presto depois atenção ao regresso de Zweig à vida literária e cultural portuguesa no século XXI. Analiso o fenómeno das retraduições e seu significado e comento o eco da autobiografia *O Mundo de Ontem* em críticos literários, intelectuais e cineastas, não esquecendo os contributos da investigação universitária.

## PALAVRAS-CHAVE

Stefan Zweig, tradução indirecta, retradução, recepção, popularidade

## ABSTRACT

### Stefan Zweig in Portugal. The story of a successful writer

In this contribution I intend to reconstruct a brief history of the reception of the worldly famous Austrian writer Stefan Zweig (1881-1942) in Portugal. His first translation dates from 1934, but it was between 1937 and 1950 that most of his novellas, essays and biographies (30 titles) were published by Civilização, a publisher from Oporto. His works were mostly translated from French and enjoyed great popularity among the reading public, considering that some have reached 19 editions. When Zweig came to Portugal on a short private holiday in 1938 his presence was largely announced and commented (and praised) by the press. The same happened after his tragic death in Brazil in 1942. A Zweig revival takes place in the early 21<sup>st</sup> century, which shows a renewed interest in this author, now directly translated from German. I will examine this phenomenon, with a considerable number of retranslations and I will tackle the question of what books have been chosen for new translations. I will also look at the impact of Zweig's life and work on film-makers such as Wes Anderson and Maria Schrader, whose successful works were largely noticed in the press, thus reinforcing Zweig's visibility in the Portuguese cultural life. It has to be mentioned that literary critics and intellectuals are now paying a particular attention to his autobiography *The World of Yesterday. Memories of an European*, which provides enough food for thought in a time of deep crisis in the European ideals.

**KEYWORDS**

**Stefan Zweig, indirect translation, retranslation, reception, popularity**

